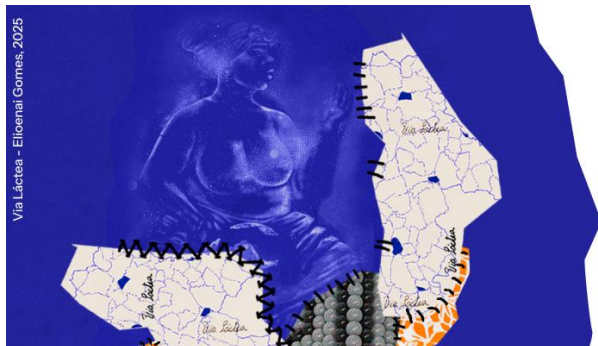




OFICINA DE TEATRO NA ALDEIA TEKOA PYAU

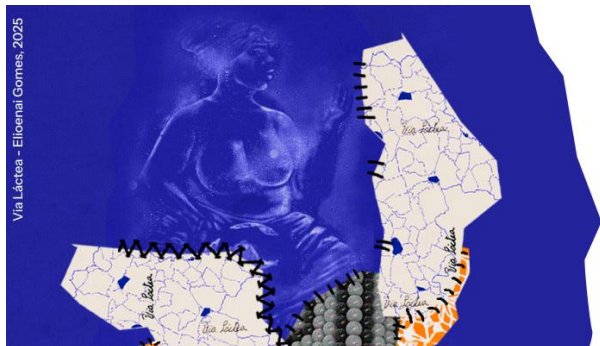
Fabiana Serroni Perosa¹ – UNESP
e EMEF CHÁCARA TURÍSTICA

No ano de 2015, fui convidada a ministrar uma oficina de teatro na Aldeia Guarani, Tekoa Pyau, no bairro do Jaraguá, em São Paulo. O convite veio do Núcleo de Atenção à Pessoa Indígena (NAPI), do Instituto de Psicologia da USP, atendendo ao interesse dos próprios indígenas. O Núcleo formado por alunos de graduação, pós-graduação e artistas convidados é coordenado, até os dias de hoje, pelo Prof. Danilo Silva Guimarães. O trabalho consistia em idas à aldeia para a realização de diversas oficinas com os jovens e encontros semanais para acompanhamento do processo com o Núcleo, na USP.

Os trabalhos desenvolvidos pelo NAPI eram acompanhados de perto pelas lideranças guarani. No caso da oficina de teatro esse acompanhamento era feito por Roberto Werá, e se misturava com sua participação como ator, no início, como parceiro artístico, político e criador. Roberto fazia uma espécie de direção geral, articulada com todos: comigo, com o núcleo, com os jovens, com as demais lideranças da aldeia, bem como, com a comunidade.

Os jovens chegaram com bastante expectativa em relação ao trabalho. Fizemos alguns experimentos iniciais, situações propostas que serviram de radar dos desejos. Logo identificaram um desejo premente entre eles: perder a timidez; ao que Roberto acrescentava: o fortalecer a cultura. Houve, então, uma primeira proposta de

¹ Mestranda em Estéticas e Poéticas da Cena, Instituto de Artes, Unesp; é Professora de Artes da rede pública municipal de São Paulo e tem como base de suas pesquisas metodológicas o trabalho desenvolvido ao longo de 17 anos com Oficinas de Literatura e Teatro. *E-mail:* fabiana.serroni@gmail.com

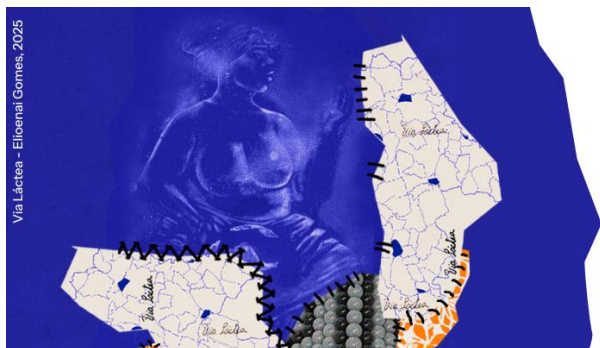


utilizar fotografias antigas de grupos guarani como disparador para o desenvolvimento de narrativas. Nessa atividade, os participantes montavam um quadro fotográfico com seus corpos, idêntico aos da fotografia, e em seguida experimentavam um breve desenrolar da situação do quadro. Ao longo de 3 encontros, sucessivos quadros foram criados numa repetição do jogo, com dinâmicas variadas - ora mais longo, ora mais curto – para que os participantes engatassem num fluxo criativo.

Para aproximá-los deixando-os mais à vontade uns com os outros e como havia o pedido expresso da parte deles de perder a timidez, lancei mão de uma proposta ousada considerando o contexto interétnico da situação, mas que se mostrou positivamente desafiadora para os jovens: o toque. Depois de explicar o objetivo da proposta e conversarmos a respeito, adotamos a massagem como o ponto de partida de nossa prática teatral. No início, houveram algumas falas a respeito da novidade do toque em alguém do mesmo sexo (só haviam meninos na oficina), e do toque como algo que não é muito comum na vida pública guarani. Aos poucos, porém, o corpo em sua materialidade foi despertando interesse e já não havia qualquer obstáculo. Entravam com facilidade em dimensões do sentir que entre nós é exígua, ou exige muitos anos de trabalho para se alcançar, se é que se alcança.

Porque há nas culturas indígenas um investimento afetivo no corpo, assim, o toque com vistas a mobilizar a estrutura óssea, a musculatura, a pele, as vísceras, a energia, embora trouxesse o desafio da proximidade, os colocava em um campo onde acumulam muito saber – a experiência corpórea numa visão de mundo que não opõe o material ao espiritual, o concreto ao abstrato (Eliade, 1972; Sahlins, 1970, p. 28, apud Graciela Chamorro, 2008, p.60).

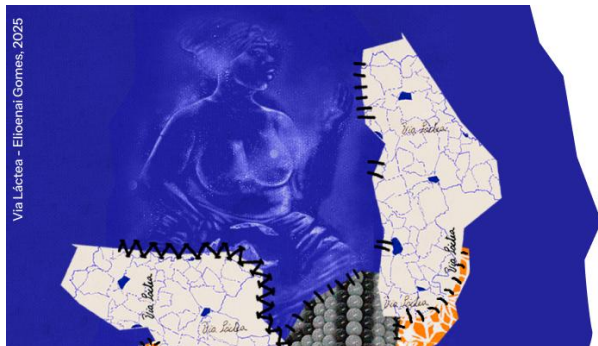
Permaneciam concentrados e, com a prática, num estalar de dedos se “destacavam do corpo”, embora este, ainda mais vitalizado se mantivesse como âncora de um percurso nas dimensões sutis da experiência. No momento de partilha das impressões os relatos eram ricos, assim em detalhes como em sutilezas - eis que registravam a presença de um corpo total, íntegro. Relatos sobre as repercussões em suas vidas diárias passaram a vir, espontaneamente.



Roberto sugeriu que montássemos uma história originária, guarani. Assim, junto com o trabalho corporal, nos debruçamos sobre o texto “Mito de Criação e Destruição da Terra”, do livro *Roça Barroca*, de Josely Vianna Baptista (Cosac Naify, 2011), que reúne mitos da cultura guarani, depois de tentativas frustradas de que eles me trouxessem de forma oral uma história. Eduardo Viveiros de Castro, na III Conferência Niemundajú, realizada na USP, em 2013, diz que as narrativas de destruição da Terra guarani são profecias, especulações, sonhos. Se os sonhos são nas culturas ameríndias, tal como nos diz Krenak, uma disciplina, um modo sistemático de acessar conhecimentos (KRENAK, 2022), representar tais narrativas seria, portanto, segundo ambos os autores, uma forma de conhecer o passado e conceber o presente e o futuro.

O cataclismo, o bêbado entrando na casa de reza, a dança do xondaro, a música do trovão da destruição, o terremoto, o aconselhamento com o xeramoi (pajé)... as cenas foram sendo criadas a partir da realidade do dia a dia vivido na aldeia. Aos poucos, elementos da música tradicional foram entrando: o violão, a mbaraka, entre outros. No que se refere à interpretação do texto, a voz foi um aspecto importante para o desenvolvimento de uma cena teatral própria a eles, pois, os guarani falam em voz baixa. Trata-se de um modo próprio de se comunicar, de transmitir conhecimentos, o tom de voz é parte de seu modo de ser, portanto, de um modo de conceber, conhecer e produzir o mundo e suas relações. Essa característica nos trouxe o desafio da voz no teatro e o desejo manifesto deles de produzirmos juntos essa vocalidade.

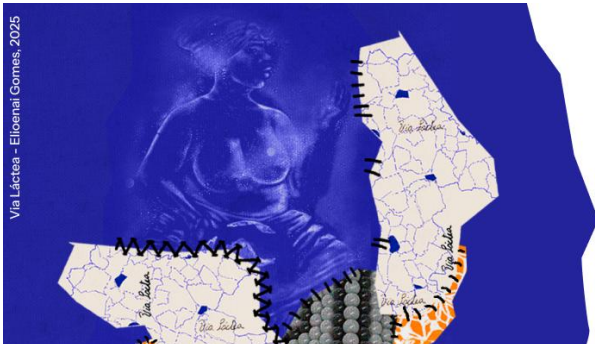
Por ser um elemento familiar a eles, aconteceu de a música que já estava presente nas encenações, funcionar como base para a interpretação teatral. Em algumas cenas os atores falavam e tocavam ao mesmo tempo e o trabalho consistiu no desenvolvimento de uma vocalidade resultante de uma fina articulação entre ambos. Ao som dos instrumentos tradicionais que eles próprios tocavam, os elementos rítmicos e melódicos deram maior tônus à voz, conduzindo a interpretação para uma fala que ganhava a dinâmica de uma canção. Este exercício aumentou



significativa e naturalmente a projeção vocal, dando, como disse, maior tônus no trânsito pela intensidade da voz “no palco” ainda que guardadas as características de uma vocalidade própria, marcada pela suavidade.

Foi neste momento que em uma conversa com Roberto, entendemos que seria importante ensaiarmos na OPY (Casa de Reza) da Aldeia Itakupé, localizada no alto da montanha do Pico do Jaraguá, onde teríamos um espaço para contracenar com as existências com as quais os guarani se sentem entrelaçados, parte integrante de seus corpos: plantas, bichos, rio e a própria montanha. Conectar o nosso fazer teatral à terra era o nosso desejo e foi no contexto da Itakupé, com a liberdade construída ao longo do processo acrescida de uma energia ali presente - a da própria história guarani inscrita naquela paisagem, em sua memória molecular - que esta experiência se deu. Passamos a evocar. Eles me passavam o petyngua em nossas rodas - o cachimbo com tabaco de uso ritualístico, símbolo da vida guarani -, o que até aquele momento não havia ocorrido. Nos irmanamos em nosso propósito comum, nosso trabalho e amizade. Parecia ópio. A paz total.

O processo resultou em uma parceria artística de inestimável valor, culminando em uma apresentação na aldeia, à comunidade interna, em meio à vida, à tarde. Não foi uma apresentação formal e isso não diminui a riqueza da experiência. O trabalho desenvolvido possibilitou a construção de um campo de escuta, troca e experimentação cênica que extrapolou a lógica do espetáculo. Os atores, que já trazem em seus corpos a espontaneidade como parte da cultura corporal guarani, ganharam forte teatralidade e assumiram o espaço do teatro como ato público de mobilização da cultura, gesto de refazimento, misturado com o corpo da aldeia, lugar da brincadeira, da gargalhada, instaurando em seu centro evocações de uma memória comum.



REFERÊNCIAS

CHAMORRO, Graciela. *Terra madura Yvy Araguayje: fundamento da palavra guarani*. Dourados, MS: Editora UFGD, 2008.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702>.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *III Conferência Nimuendajú*. [S. l.: s. n.], 15 jan. 2020. *YouTube*. Disponível em: https://youtu.be/4BS4BO59yro?si=IJLWUWKg_x3xAfdS. Acesso em: 1 out. 2025.